

## **Boletim *A Família da Pompéia*: na busca da construção de uma cidadania imigrante<sup>1</sup>**

Michelli Machado<sup>2</sup>  
Karla M. Müller<sup>3</sup>

### **Resumo**

Partindo das definições de cultura e identidade de Martín-Barbero e Garcia Canclini, o texto se propõe a entender como uma mídia comunitária se constrói e se solidifica ao longo de quatro décadas. O artigo pretende refletir sobre a importância de um veículo de comunicação dirigida para os imigrantes, sob o ponto de vista dos próprios receptores. As histórias de vida dos imigrantes são o pano de fundo para entender a recepção dessa publicação na construção da cidadania por parte desses atores sociais.

**Palavras-chaves:** imigrações, comunicação dirigida, identidades culturais, recepção e cidadania.

### **1. Introdução**

O ponto de partida da construção desse trabalho é uma entidade não governamental que presta assistência a imigrantes no Rio Grande do Sul. O CIBAI – Centro Ítalo Brasileiro de Assistência e Integração das Migrações – tem como sede a Igreja Nossa Senhora da Pompéia em Porto Alegre<sup>4</sup> e produz um boletim informativo chamado *A Família da Pompéia*, direcionado aos imigrantes<sup>5</sup>.

Administrado por Missionários Scalabrinianos, o CIBAI está ligado à Igreja Católica e existe desde 1958. Fundado inicialmente para acompanhar os imigrantes italianos que chegavam em grande número ao Rio Grande do Sul, hoje, o CIBAI atende a todo tipo de migrações, sendo em maior número os imigrantes latino-americanos. Sua primeira publicação impressa foi veiculada em 1970, ao estilo de uma carta, hoje o boletim tem 35 anos de existência, atravessando quatro décadas sem nunca deixar de ser publicado. O informativo, serve de elo entre os imigrantes e suas culturas para que esses atores sociais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/ Intercom 2005 – Núcleo de Pesquisa: Comunicação para a Cidadania

<sup>2</sup> Mestranda e bolsista (CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – Porto Alegre/RS) E-mail: [michym@terra.com.br](mailto:michym@terra.com.br)

<sup>3</sup> Prof<sup>a</sup> Adjunta DECOM/ FABICO/ UFRGS; Doutora em Ciências da Comunicação; Mestre em Comunicação; Especialista em Educação de Adultos. E-mail: [kmmuller@orion.ufrgs.br](mailto:kmmuller@orion.ufrgs.br)

<sup>4</sup> Rua Dr. Barros Cassal, 220 – Centro – Porto Alegre/RS

<sup>5</sup> O boletim *A Família da Pompéia* é trilingüe, sendo escrito em português, espanhol e italiano.

possam viver com mais cidadania embora longe de seus países de origem<sup>6</sup>.

O objetivo desse trabalho é analisar o processo comunicacional do boletim do “CIBAI – Migrações” nas suas relações com imigrantes no contexto gaúcho, fazendo um cruzamento das histórias de vida dos imigrantes com a história do processo de comunicação dessa mídia comunitária.

Para tanto, é preciso investigar o processo de recepção dos imigrantes definindo as preferências midiáticas do grupo em relação ao boletim, e compreender os processos de dinamização sociocultural que derivam da circulação e das apropriações feitas entre os imigrantes desse meio.

Partimos da hipótese que a identidade cultural incentivada pelo boletim, de manutenção das raízes e cultivo de tradições e da cultura de origem, seja o fio que une tantas diferentes pessoas - de diversas nacionalidades e padrão social - em torno de uma publicação, que embora simples, busca dar visibilidade à cultura do imigrante e incentivar a manutenção de sua cidadania. Além desses elementos, o vínculo do boletim com a Igreja Católica, reforça a solidez dessa mídia, que embora pequena e de restrita circulação, vem atendendo a comunidade imigrante há 35 anos, sem nunca ter deixado de ser publicada, nem mesmo em tempos de ditadura<sup>7</sup>.

## 2. Marco teórico orientador

O marco teórico orientador dessa pesquisa é composto, por autores como: Jaques Leon Marre, Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini, Mário Kaplun e Yves Winkin.

Marre (1991), é um autor fundamental na definição da metodologia a ser utilizada no trabalho de campo, uma vez que desvenda a técnica de história de vida em seu texto “*História de vida e Método Bibliográfico*”. Para o autor, ao utilizar essa técnica, o pesquisador não estará reconstruindo o passado contínuo e sem rupturas, mas propondo uma reconstrução de histórias de vida com descontinuidades e rupturas ocorridas tanto em nível individual, como coletivo.

---

<sup>6</sup> Além do boletim, essa entidade confessional também conta com um website, que pode ser contatado através do endereço [www.paroquiapompeia.com.br](http://www.paroquiapompeia.com.br).

<sup>7</sup> Característica muito rara, em mídias comunitárias, alternativas ou dirigidas. Ainda mais se pensarmos que o boletim acolhe aos imigrantes e em tempos de ditadura muitos imigrantes eram exilados políticos.

A construção de histórias de vida tem características básicas, segundo Marre. Entre elas está o fato de possibilitar uma leitura do social através de múltiplas histórias individualizadas. Para o autor, na perspectiva empírica é preciso notar a relação entre os sujeitos que serão parte do âmbito da pesquisa.

Não basta um número de indivíduos, é preciso que este número expresse de maneira diversa, mas inter-relacionada, a trajetória sócio-econômica do grupo social pesquisado, enquanto grupo diferente de um outro ou escolhido como exemplar. (MARRE, 1991, p. 111)

Martín-Barbero (2003), por sua vez, é uma importante referência teórica para pensar as identidades. O autor trabalha com a questão das identidades e da cultura popular, e fala sobre os “pedaços” que formam uma nação. Os imigrantes, são alguns desses “pedaços” e sua vasta cultura e rica identidade não podem ser relegadas ou esquecidas, quando se busca pensar uma identidade brasileira ou imigrante. Martín-Barbero, também fala das misturas que formam um país, e menciona a busca de uma pluralidade étnica e cultural que vá ao encontro do processo migratório contemporâneo. Ou seja, o boletim *A Família da Pompéia*, talvez seja uma proposta feita pela sociedade receptora na busca de uma inclusão com respeito às diferenças.

Para a construção de uma identidade cultural imigrante, é importante observar o cotidiano desses atores sociais. Suas vivências em grupos e sua constituição identitária, para percebermos o que eles mantêm de sua identidade de origem e o que incorporam do país receptor.

Outro importante autor que nos ajuda a pensar as identidades e refletir sobre esse espaço cultural de mesclas identitárias, onde existe uma série de culturas formando uma identidade híbrida, é García Canclini.

Ao falar do processo migratório contemporâneo, García Canclini (2001), dá ênfase às problematizações causadas pelas mudanças, que envolvem estilo de vida, costumes, tradições e representações diferentes. Ainda que a globalização seja mais imaginada do que vivida, como sugere o autor, existem alterações importantes que esse processo acarretou.

A mais relevante mudança, sob o ponto de vista dos processos migratórios contemporâneos, é que hoje, as distâncias se encurtaram. Dessa forma, ficou mais fácil

manter os laços com o país de origem. Se antigamente, levavam-se meses para atravessar o mar, hoje levam-se horas, as distâncias entre os países tornaram-se mais curtas e as fronteiras mais tênues.

Há cem anos atrás, por exemplo, ia-se embora do país natal para a vida inteira, ou pelo menos para não voltar tão cedo. Hoje os imigrantes têm a possibilidade de voltar ao país de origem, com maior facilidade. Além disso, graças à internet, o contato com os amigos, com os familiares e com as notícias do país natal, é um processo contínuo que não se interrompe, apesar das distâncias impostas pela imigração.

Essa superação de barreiras trazida pelas novas tecnologias não assegura aos imigrantes a preservação de suas raízes. No entanto, a busca por entender conceitos como o de identidade cultural e o de cidadania imigrante envolvem a superação desses obstáculos e o rompimento de alguns estereótipos. O boletim do “CIBAI- Migrações”, serve de canal para ligar os imigrantes a outros imigrantes, formando uma rede de amizades, onde os costumes são preservados e as tradições mantidas, em comemorações que exaltam as identidades dos receptores dessa publicação.

Com o conceito de hibridização, García Canclini (1998) nos ajuda a pensar a noção de identidade cultural. A ênfase na hibridização encerra a pretensão de estabelecer identidades puras ou autênticas. Exemplificando essa noção, o autor afirma que não há uma identidade latino-americana, mas um espaço latino-americano com centenas de identidades. O teórico opta pelo conceito de hibridização, que está vinculado a uma perspectiva cultural, para diferenciá-lo do sincretismo, que refere-se ao campo religioso, e da mestiçagem, mistura de raças que tipicamente aconteceu no Brasil.

García Canclini fala também da necessidade de nos preocuparmos menos com o que se extingue na cultura popular do que com o que se transforma, como folclore e as tradições de cada povo. Um exemplo disso são as migrações onde as pessoas reconstróem a relação da cultura com os territórios geográficos e sociais, bem como adquirem uma nova visão sociocultural das coisas que as cercam. O pesquisador chama esse processo de desterritorialização.

O posicionamento de Kaplun (1998), serve como um marco teórico essencial para pensar a recepção dos boletins do “CIBAI – Migrações” pelos imigrantes, uma vez que o autor fala que os meios de comunicação são utilizados como instrumentos de educação.

Essa educação, segundo Kaplun, pode ser vertical e automática, como uma domesticação da pessoa ou horizontal, com a participação do grupo. Muitas vezes, esses modelos não são puros, mas se misturam nas práticas concretas da comunicação comunitária. Segundo autor, os atores sociais querem expressar suas opiniões, por isso, precisam de uma comunicação democrática, onde haja diálogo, que seja participativa e feita de maneira horizontal, com uma consciência comum a serviço das maiorias. Na verdade, é esse trabalho que o boletim *A Família da Pompéia* busca fazer: deixar os imigrantes falarem, por isso pode ser considerado um veículo de comunicação/ educação, uma vez que busca manter valores, tradições e culturas.

Essa publicação, embora com tiragem pequena<sup>8</sup>, tenta dar legitimidade à cultura dos imigrantes, permitindo sua participação não só como receptores, mas também como produtores, transformando o boletim num veículo de grande interesse entre esses receptores, uma vez que trata de temas importantes para esses atores sociais, muitas vezes, lançados por eles mesmos, além de servir de elo entre as comunidades imigrantes de distintas nacionalidade.

Para entender melhor como funciona todo esse mecanismo do trabalho empírico de recepção junto aos sujeitos pesquisados, Winkin (1998) traz uma importante colaboração. É um referencial teórico essencial para discutir a inserção no campo, uma vez que o autor possibilita entender todo o âmbito empírico, esclarecendo as principais dúvidas que o trabalho de campo traz consigo. Segundo Winkin, o trabalho de campo é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica, que consiste em saber ver, saber estar com os outros e consigo mesmo e saber escrever.

### **3. Definição de estratégias metodológicas**

O trabalho de campo foi realizado com uma amostra de cinco imigrantes de diferentes nacionalidades, gênero, idade, padrão social e níveis de participação no boletim. Esses cinco imigrantes selecionados para construção das histórias de vida representaram, cada um, uma década de existência do boletim (anos 70, 80, 90, 2000), sendo que dois imigrantes representaram a última das quatro décadas. A amostra foi composta por três

---

<sup>8</sup> Aproximadamente 700 exemplares, por edição.

mulheres e dois homens, das seguintes nacionalidades: boliviana, uruguaia, chilena e italiana<sup>9</sup>.

Para atingir o objetivo do trabalho, a estratégia metodológica usada foi visitar a sede onde o boletim é produzido para consultar alguns dados e selecionar os imigrantes para a construção das histórias de vida. Essa proposta metodológica asselha-se com o trabalho realizado por Jairo Grisa (2003)<sup>10</sup>.

Primeiramente fizemos uma visita ao CIBAI, na intenção de conseguir alguns dados para o trabalho de campo através de uma pesquisa documental nos arquivos da entidade e de uma entrevista informal com os párocos.

Verificou-se que não existiam registros de quantos imigrantes já foram atendidos pelo CIBAI ao longo desse período, logo, ficaria impossível saber, qual a nacionalidade mais relevante em cada década. Aplicamos como método de seleção a memória dos párocos. Foi solicitado que dessem o nome de algumas pessoas que eles lembravam como atuantes na paróquia e leitores do boletim. Com os nomes em mãos, iniciamos os contados.

Após selecionar os imigrante, dois homens e três mulheres, de nacionalidades italiana, boliviana, chilena e uruguaia, tiveram início as visitas aos imigrantes e a construção das histórias de vida. As entrevistas foram realizadas em dois momentos. No primeiro momento uma conversa livre, na qual o imigrante dizia tudo o que desejava. Num segundo momento, a entrevista foi mais focada na importância do boletim na vida dessas pessoas.

As técnicas de pesquisa utilizadas se dividiram em dois momentos. O primeiro momento foi a pesquisa documental e entrevista informal com os padres para a seleção dos imigrantes. E o segundo momento foi a construção das histórias de vida, com os imigrantes selecionados.

Através da pesquisa documental foram feitas duas descobertas que pareceram bastante relevantes. A primeira delas foi quando conseguimos delimitar, o momento em que

---

<sup>9</sup> Representando a década de 70 Rosina Marzano Bianchimano (italiana), chegada ao Brasil em 1951. Representando a década de 80 Maria Doris Laza Salinas (boliviana), vivendo no Brasil desde 1974. A década de 90 foi representada por Leopoldo Alberto Arqueros Gallo (chileno), no Brasil desde 1988. Os anos 2000 tem dois representantes Miguel Rodriguez Cammarata e Beatriz Varela Fernandez, ambos de nacionalidade uruguaia. Ele chegou ao Brasil em 1977, e ela, em 1982.

<sup>10</sup> O autor em seu livro "*Histórias de Ouvintes*" desenvolve histórias de vida com mulheres ouvintes da Rádio Farrroupilha, o que vem ao encontro com a proposta de trabalho que pretendo realizar que é a construção de história de vida com imigrantes que tenham contado com o boletim do "CIBAI - Migrações".

os imigrantes começaram a participar do boletim com resumidas histórias de suas vidas. Em 1988, aconteceu um congresso de imigrantes latino-americanos de nove países da América Latina, como o tema *A força da memória histórica dos imigrantes*. O encontro ocorreu no dia 26/06/88 e buscava recuperar a memória e a consciência de identidade e suscitar mais participação dos imigrantes.

Embora o encontro fosse de latino-americanos e o texto tenha saído de forma mais completa na página hispânica do boletim, a página italiana também propõe uma reflexão sobre o mesmo tema. O título dessa reflexão era *Sem Fronteiras*.

A segunda descoberta foi que pelo o boletim ter sido escrito por diversos párocos - uns dando mais atenção à religiosidade, outros à imigração - em pouquíssimas edições se encontra a assinatura desses padres no boletim. Um dos poucos padres que assina, chama-se Roberto Paz, e segundo o pároco local, Roberto Paz era além de padre imigrante uruguaio, e escreveu no boletim como convidado, não como pároco responsável, uma vez que não é um religioso scalabriniano.

A escolha das histórias de vida como metodologia de trabalho se deu a fim de que se pudesse realizar um estudo de identidade e análise do processo social, uma vez que as histórias de vida possibilitam não só o entendimento do todo, mas do individual. Também para a solução do problema de pesquisa é interessante utilizar esse método, uma vez que se busca entender como o boletim *A Família da Pompéia* se fortificou ao longo dos anos, fortaleceu seus vínculos com os imigrantes e como essa publicação tem servido de elo entre eles, fazendo com que se sintam cidadãos no novo país.

Durante a construção das histórias de vida verificou-se algumas peculiaridades que serão transcritas a seguir:

#### *Rosina, imigrante à moda antiga*

Ao chegar à casa de Rosina, imigrante italiana, foi possível observar que os italianos “calorosos” não é apenas um estereótipo. Ela agiu efetivamente dessa forma, ao fazer a recepção de maneira carinhosa, com um apertado abraço, nos tratando como se fôssemos da família, foi surpreendente. Rosina e seu esposo, também muito simpático, fizeram questão que se aceitasse comer ou beber alguma coisa antes de começar a entrevista, e foram tão

hospitaleiros que após o término da entrevista, prosseguimos conversando informalmente como se estivéssemos “de visita”. No entanto, apesar da imigração ser muito antiga, percebeu-se durante a entrevista que, mesmo depois de tanto tempo, o hábito de falar italiano permanece enraizado em Rosina, e mais ainda em Antônio, seu esposo, que mesmo falando conosco continuava falando em italiano. Na sala da casa do casal havia um quadro com uma grande fotografia de um vilarejo. Segundo eles, era a cidadezinha onde moravam, no sul da Itália. Rosina e Antônio, foram até o quadro e mostraram na foto onde eram suas casas. No prédio onde moram hoje, tem apenas dois apartamentos, um ocupado por eles e o outro por uma outra senhora, também imigrante italiana. Embora Antônio tenha ido até a sala participar da conversa, a entrevista foi realizada apenas com Rosina.

#### *Doris, a fada dos imigrantes*

Doris, imigrante boliviana falou, que os imigrantes bolivianos que vivem no Rio Grande do Sul, não costumam formar comunidades. Percebeu-se que a imigrante mantinha poucos contatos com outros imigrantes bolivianos, e até mesmo com a cultura de seu país. No entanto, fez questão de mostrar fotos das festas realizadas na Igreja Nossa Senhora da Pompéia, nas quais vai trajada com roupas típicas da Bolívia. Destacou que não teve dificuldades quando chegou em Porto Alegre, até porque seu irmão já morava aqui, mas sabe que muitos imigrantes sofrem muito quando chegam ao novo país. Doris, mostrou a carta de uma imigrante boliviana para ela, agradecendo a ajuda. Doris, há anos auxilia financeiramente essa família de imigrantes bolivianos. Ela “adotou” um menino filho do casal, como “dinda”, e mensalmente manda a esse menino uma quantia em dinheiro. Na carta a mãe do menino falava de como ele está indo bem no colégio e se referia à Doris como uma fada.... Pode-se perceber que toda a família a considerava, um pouco, como uma fada madrinha.

#### *Leopoldo, a inquietude de ser imigrante*

Com Leopoldo, um imigrante de nacionalidade chilena, a entrevista foi muito produtiva. Embora com uma vida estável, em seu relato pode-se perceber todas as



inquietudes de ser um imigrante, ainda que adaptado ao novo país. Durante a entrevista foi possível observar que a decoração do apartamento lembrava o país natal, através de objetos de artesanato. Também foi possível perceber, que antes de começar a entrevista, Leopoldo e sua esposa conversavam em espanhol, e o tema central da conversa eram fatos que haviam ocorrido no Chile, e que provavelmente, via internet, eles tiveram acesso. Leopoldo embora há 14 anos no Brasil, mantém laços muito fortes com o Chile, inclusive tem uma filha que mora lá.

#### *Beatriz e Miguel, imigrantes filhos de imigrantes*

A entrevista estava marcada inicialmente com Miguel, mas quando chegamos, ele não estava. Então, sua esposa, muito gentilmente ofereceu um café, que foi aceito. Enquanto tomávamos o café, começamos a conversar, informalmente. Durante a conversa pode-se descobrir, que Beatriz era uma imigrante, filha de imigrantes, ou seja tinha uma marcante história de mescla de culturas e afirmação identitária. Pedimos a ela se aceitaria ser entrevistada, ela aceitou. Mal tínhamos começado nossa entrevista, quando Miguel chegou e sentou conosco na sala, conversamos todos juntos e a entrevista foi feita com Beatriz e Miguel ao mesmo tempo. Miguel também era filho de imigrantes, mas enquanto o pai e a mãe de Beatriz migraram da Espanha para o Uruguai, apenas o pai de Miguel migrou da Itália para o Uruguai, a mãe era uruguaia mesmo<sup>11</sup>. O método mostrou-se bastante rico, embora um pouco cansativo, pois a conversa se prolongou por horas...

#### **4. Índices para análise e interpretação**

A partir da construção das histórias de vida, foi possível traçar alguns índices sobre os elos que aproximam os imigrantes do boletim *A Família da Pompéia*. Para que se pudesse fazer uma primeira análise e interpretação, esses índices estão foram divididos em:

---

<sup>11</sup> Os anos 2000 têm dois representantes por que representam a história mais recente do boletim. Os dois são de nacionalidade uruguaia, por que os imigrantes que mais chegam ao Rio Grande do Sul são uruguaios. Em 2000, haviam aproximadamente 20 mil uruguaios no RS, segundo o departamento de imigração da Polícia Federal, isso sem contar os imigrantes que vivem ilegalmente no estado.

vínculos com o país de origem; sentidos que ligam o imigrante ao boletim; memória de imigrante e ser imigrante

#### **a) Vínculos com o país de origem**

Nesse primeiro contato foi possível perceber que são três os principais vínculos que ligam os imigrantes ao país de origem: os laços familiares e de amizade, os costumes e tradições e as questões políticas.

A vontade de voltar ao país e o acesso às notícias do país de origem acontecem, principalmente, por causa da ligação, com amigos e parentes, que independente da distância permanece existindo e quando deixam de existir, esse vínculo se rompe. Nesse sentido, vale a pena lembrar do depoimento de Rosina:

“Eu vim para cá em 1951, aí voltei à Itália em 1975 e fiquei 9 meses, pois lá estava minha sogra. Depois voltamos para o Brasil e fomos para Itália de novo 1980, ficamos mais 9 meses. Agora que eles (os parentes e amigos) já faleceram ficamos por aqui. Mas saudade, a gente sente.... como vou te dizer, é o país da gente, a cidade, fica marcado no íntimo da pessoa, e a gente lembra, tem fotografia de um lado, fotografia do outro, de vez em quando a gente telefona para os primos pede notícias... hoje muitas das nossas amizades antigas não existem mais.” (Rosina Marzano Bianchimano – italiana)

Outro vínculo importante está nas tradições e na cultura. Mesmo fora do seu país os imigrantes mantêm suas tradições e cultura, como a culinária, danças e roupas típicas, e o cultivo da idioma. Uma vez que em casa, os imigrantes permanecem falando a sua língua-mãe. Quando o assunto são as tradições de cada país, Doris faz a seguinte afirmação:

“O folclore boliviano é muito rico em músicas e danças, mas não há uma festa exclusiva dos bolivianos (na paróquia), então, na festa das nações eu vou vestida de boliviana e todo mundo gosta da minha roupa”(Maria Doris Laza Salinas – boliviana)

As questões políticas também se mostram fortes nas histórias de vida dos imigrantes, muitos reivindicam o direito de votar para presidente através de um consulado. Para os imigrantes latino-americanos há uma lei que permite que eles votem para presidente, mesmo se estiverem naturalizados em outro país, porém precisam ir até o país de origem para votar, a votação não pode ser feita através de um consulado aqui no Brasil, como

acontece com os imigrantes de origem européia. Talvez, devido ao fato das entrevistas terem sido feitas próximas às eleições municipais brasileira e presidenciais uruguaias, os latino-americanos entrevistados, muitas vezes, fizeram menção a isto, como podemos perceber no depoimento que segue:

“Daqui a uma semana vai ter uma votação no Uruguai, para presidente da república, e também estamos engajados dentro desse trabalho e a Paróquia da Pompéia albergou uruguaios para votar com o intuito de fazer com que o Uruguai também se torne um país de primeiro mundo com a Itália, onde as votações para Itália foram feitas na Paróquia da Pompéia, voto consular ou via voto correio. Então essa era uma das grandes reivindicações, nós como imigrantes, nós não perdemos a cidadania uruguiaia, mas se temos que votar, temos que ir até Montevideú. Aqui não pode votar. Poderíamos votar até no consulado, mas não existe lei que assegure isso.” (Miguel Rodriguez Cammartá – Uruguai)

#### **b) Sentidos que ligam o imigrante ao boletim**

Nessa primeira abordagem percebeu-se que são três os principais sentidos que ligam os imigrantes ao boletim: religiosidade; identidade cultural e veículo de informação entre os imigrantes (mídia local)

Alguns imigrantes já tinham um forte vínculo com a Igreja em seus países de origem, o que fazem, é manter esse sentido de religião em suas vidas, como é o caso de Beatriz, que encontrou o “CIBAI – Migrações” procurando religiosidade.

“No Uruguai eu participava de um grupo de jovens em uma paróquia católica e como eu gostava muito, fiquei sabendo do grupo da Pompéia, eu disse para o Miguel, quem sabe a gente vai? Chegamos na Pompéia para participar do grupo de jovens, e quando entramos, perguntamos pelo grupo, com nosso sotaque carregado. “É aqui” responderam. O pessoal estava ali, tocando violão em castelhano, a gente adorou. Mas depois ficamos sabendo que o grupo que a gente queria era o de jovens, que se reunia nos fundos, não na frente. Porque não sabíamos que a paróquia era dedicada aos imigrantes.” (Beatriz Varela Fernandez – uruguiaia)

Outro sentido bastante importante é a questão lingüística da identidade cultural. Muitos imigrante lêem o boletim procurando uma identificação com a língua, com a cultura, com as tradições. É o caso de Leopoldo.

“O fato do boletim ser escrito em espanhol é muito bom porque te lembra tua língua natal. É muito difícil tu pegar (sic) uma coisa em espanhol em Porto Alegre,

alguma página, só se entrar (sic) na internet. A maioria das pessoas de etnia latino-americana não tem acesso à internet. Se a pessoa tem acesso ao boletim ela tem uma maneira de se comunicar com seu idioma nativo, é bom para ela, pelo menos uma vez por mês ela lembra o idioma que falava.” (Leopoldo Alberto Arqueros Gallo – chileno)

O terceiro grande sentido que liga os imigrantes ao boletim é o de “mídia local”. O boletim serve para os imigrantes como uma forma de comunicação entre eles. É como se fosse um jornal de bairro, mas que circula em toda cidade de Porto Alegre. Ao invés de falar sobre um local fala sobre muitos países e os protagonistas são os imigrantes. No boletim eles se vêem representados, são ouvidos e falam também. Essa publicação serve um pouco para que os imigrantes se comuniquem com outros imigrantes e fiquem sabendo o que está acontecendo na paróquia, nas festas e outras notícias de interesse específico do grupo, o boletim é uma mídia local para os diferentes imigrantes. O depoimento de Beatriz reforça isso.

“Às vezes através do boletim ficamos sabendo de alguma notícia, alguma novidade, e o boletim é instrumento definitivo para tu te sentir (sic) parte de um grupo e tu pode (sic) optar por ir (sic) ou não aquela missa, ou almoço, mas pelo menos tu está (sic) sendo lembrado e convidado para ir lá. Muitas vezes as pessoas moram longe, uma característica que tem a Paróquia da Pompéia, por ser uma paróquia voltada para os imigrantes e não para o pessoal do bairro, tu mora (sic) longe, muitas vezes. Fica difícil participar. Então o boletim faz esse trabalho, afirma que tu continua (sic) participando desse grupo.” (Beatriz Varela Fernandez – uruguaia)

### **c) Memória de imigrante**

Nas histórias de vida os imigrante sempre direcionam seus olhares ao passado, e as memórias mais comuns relatadas por eles são referentes à chegada ao Brasil, ao primeiro contato com o “CIBAI – Migrações” e o boletim, e a algum fato marcante em seus país de origem. A chegada ao Brasil sempre é relata como uma experiência não muito traumática e os brasileiros são tidos como hospitaleiros, pelos imigrantes, como podemos ver nessa afirmação.

“Não é um rechaço, é o fato de ter um idioma diferente, de ser imigrante mesmo. Não é uma visão pessimista, mas estou convencida disso: o imigrante, aquele que sai do seu contexto, tem um idioma diferente, vai ser sempre imigrante. Por mais que seja um país como o Brasil, que por sinal é extremamente acolhedor, pelo

menos o Rio Grande do Sul, mas ainda sim tu é (sic) imigrante.” (Beatriz Varela Fernandez – uruguaia)

O primeiro contato com o “CIBAI – Migrações” aparece como um reencontro com a cidadania e com identidade de origem, para os imigrantes. Em suas histórias de vida, podemos perceber que o vínculo com a entidade é muito importante e definitivo na construção cultural desses atores sociais, como muitos dos depoimentos acima comprovam. Abaixo podemos conferir como Doris conheceu o boletim:

“Meu irmão que assistiu um seminário na Vila Betânia e conheceu a Rita (Margherita Bonassi), missionária da ordem dos carlistas, e naquele seminário fez amizade com ela que se interessou que freqüentássemos a Pompéia. Depois de um dia, me ligou um rapaz peruano, dizendo que a Rita tinha dado o nosso número e ele gostaria de ir até a nossa casa conversar. Uma noite ele veio me informou sobre a Paróquia da Pompéia, que acolhia os imigrantes latino-americanos e italianos e ele gostaria que nos integrássemos, pois parece que não havia ninguém da Bolívia. Tinha chilenos, uruguaiois... eu fui lá, gostei muito da Rita, e estava lá o padre Alexandre, me integrei com eles, participava das reuniões, recebia o boletim, eu dava nomes para as mensagens. Conheci o boletim lá pelos anos 80, já fazia quatro anos que estava na CEEE, é, acho que foi 1980.” (Maria Doris Laza Salinas – boliviana)

Já a lembrança do país natal é sempre marcada por dor e sofrimento. Ou é uma lembrança de guerra, ou de violência política causada pelos regimes autoritários da ditadura, ou uma lembrança de crise econômica, pobreza, tendo que abandonar casa, e outros bens adquiridos com muito esforço. Alguns imigrantes chegam a dizer que foram expulsos de seus países.

“Em uma das lembranças, mais fortes que tenho do Uruguai, desço do ônibus com uma dessas pastas com um monte de cadernos, e uns tênis de fazer esportes, vinha do colégio porque tinha uma realização dos soldados do exército. E ele me apontou com um fuzil perguntando se nós éramos colaboradores ou tupamaros<sup>12</sup>. Essa é uma das lembranças mais ruins que tenho.” (Miguel Rodriguez Cammartá – Uruguaio)

#### **d) Ser imigrante**

Tentamos descobrir o que significava ser imigrante para cada um dos entrevistados. Procuramos identificar em suas falas qual era a perspectiva que tinham como imigrantes de

---

<sup>12</sup> Movimento armado do final dos anos 70 que terminou culminando no golpe de estado de 1973 no Uruguai, e 1974 no Chile e na Argentina.

si próprios. Abaixo seguem alguns trechos extraídos dos relatos das histórias de vida desses imigrantes. Em nenhum desses momentos eles estavam respondendo o que é ser imigrante, mas em todos eles estavam mostrando como se sentem.

“Sou imigrante e sou filha de imigrantes. Meus pais tinham um bom sotaque, então o pessoal do Uruguai sabia que eles não eram uruguaios. Então eu me criei dentro desse ambiente, dessa característica de aceitar que meus pais e meu grupo eram diferentes das pessoas em geral.” (Beatriz Varela Fernandez – uruguaia)

“Misturo palavras em espanhol e em português, agora estou tentando falar em português com sotaque, isso aí é marca registrada dos imigrantes.” (Miguel Rodriguez Cammarta – Uruguaio)

“Eu sou chileno, estou assentado no Brasil...” (Leopoldo Alberto Arqueros Gallo – chileno)

## **8. Considerações finais**

A pesquisa de campo na comunicação é bastante delicada, não é difícil de entender por que muitos pesquisadores não abandonam seus gabinetes, e permanecem realizando pesquisas unicamente teóricas. Quando na comunicação nos propomos a realizar uma pesquisa empírica de recepção, estamos lidando com sujeitos, com atores sociais, e é notório, que ao final de uma pesquisa os sujeitos pesquisados se modificaram, assim como nós nos modificamos. Existe uma troca, que acontece independente de nossa vontade. É claro, que um bom pesquisador precisa manter um certo distanciamento do seu objeto de estudo, mas como trabalhamos como pessoas, às vezes objeto e pesquisador se confundem, e os vínculos, que eram somente profissionais se tornam pessoais. Manter esse distanciamento é um dos maiores desafios que o campo nos impõe.

Durante a imersão ao campo tivemos contato com cinco imigrantes com diferentes histórias. Percebemos no entanto, que todos eles olhavam questionando o porquê de darmos atenção a eles. Ou seja todos queriam saber por qual motivo havíamos resolvido direcionar nosso olhar para eles. É como se fosse necessário ser imigrante para ter interesse por suas culturas, para valorizar suas tradições. Outro ponto importante observado durante as conversas com os imigrantes, é que eles esperam sempre um retorno dos pesquisadores. Esperam que o trabalho com eles seja produtivo e tenha uma função social, o depoimento a seguir ilustra essa realidade:

“Quem sabe tu tá (sic) trazendo um pouco de luz, para os imigrantes, utilizando esse pequeno canhãozinho que é o boletim a *Família da Pompéia* para ir colocando e sedimentando esse espaço que acho que os imigrantes não têm e uni-los, esse espaço que nós relatamos para ti” (Miguel Rodriguez Cammmarata - uruguaio)

Temos consciência que estes dados ainda podem ser muito explorados. Entretanto, entendemos que a busca por levar estas temáticas a outros fóruns de discussão é o primeiro passo na tentativa de um intercâmbio de idéias que contribuirão para uma análise mais consistente sobre a importância do boletim *A Família da Pompéia* para os imigrantes receptores desta publicação. Essa reflexão ajuda a pensar como essa mídia participa da vida dos imigrantes e se mantém ativa como agente de valorização da cidadania desse grupo.

## Referências

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo; EDUSP, 1998.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *La globalización imaginada*. Buenos Aires: Paidós, 2001.

GRISA, Jairo. *Histórias de Ouvintes – A audiência popular no rádio*. Itajaí: Univali, 2003.

KAPLUN, Mário. *Uma pedagogia de la comunicación*. Madrid: La Torre, 1998.

MARRE, Jaques Léon. História de vida e método bibliográfico. *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, v. 3 n. 3, p.89-141, jan./jul. 1991

MARTÍN-BARBERO. *Dos meios as mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2º edição, 2003.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Papirus: Campinas, 1998. p.129-145